

QUE FUTURO TRANS-HUMANO?

O NÚCLEO PRÁTICO E FILOSÓFICO DA NEUROÉTICA

António Jácomo

Gabinete de investigação em Bioética. Instituto de Bioética: ajacomo@porto.ucp.pt

“The question is therefore not whether, but rather when and how, neuroscience will shape our future”

I

Transformações suspeitadas afectam todas as dimensões do ser humano. De entre todas, as mais fascinantes são as alterações na estrutura pensante neurobiológica da “geração prozac”. Um novo modelo gnosiológico se adivinha. Neste cenário, cabe conjecturar sobre o seu conteúdo antropológico: haverá necessidade de uma nova “neuromoralidade”? Se sim, sob que características será fundada a antropologia resultante das transformações neurológicas?

Comparadas com as questões éticas suscitadas pela genética molecular, existe uma clara falta de apreciações relativamente às questões da neurociência. O progresso na neurociência cognitiva suscita um conjunto de temas éticos com, pelo menos, o mesmo grau de importância.

Alguns dos temas mas pertinentes são de natureza prática, relacionados com a aplicação as neurotecnologia e as suas implicações no indivíduo e na sociedade, como é o caso do neuromarketing ou o “brain fingerprinting”. Outros são de caris mais filosófico, relativos à forma como nos pensarmos como pessoas, como agentes de moralidade e seres espirituais. O projecto

tosco da busca de uma fórmula apologética de materialização da “alma”, é substituído, por exemplo, pelas “equações de Goldman e de Nernst”, com o recurso à neurociência computacional. Tal como no campo da genética, a neurociência conecta com os fundamentos biológicos da essência do próprio homem. A relação entre o cérebro e o “eu”, por exemplo, é mais directa que a relação do “eu” com o genoma humano.

É interessante começar por verificar a mudança de percepção dos contornos que se verificaram na grande alteração na história do pensamento crítico. Há 2800 anos, assistimos ao “milagre grego” no qual a estrutura de pensamento foi alterada. Esta alteração foi interpretada como um fenómeno meramente sociológico. Hoje intui-se uma falta de análise globalizante no qual se questionem as implicações de uma alteração neurológica no pensamento grego. É que o “milagre grego” não foi apenas verificável ao nível do espaço e tempo sentidos, mas na própria concepção cosmológica, teológica e estética. Faltou perguntar-se pelas alterações neurológicas dessa nova interpretação do cosmos.

O interesse actual pelas áreas da neurociência tem similar interesse ao que a discussão sobre o genoma humano teve no final do século XX. A neurociência cognitiva iluminou muitos aspectos da vivência humana e os seus avanços pressentidos fazem supor um novo projecto antropológico. Este “novo homem” (novo, não apenas em termos mentais, mas também físicos através dos organismos cibernéticos), reclama uma nova recolocação dos problemas Éticos, uma nova “neuromoralidade”.

Tendo em conta estes pressupostos, a opção lógica da investigação será uma abordagem da neurociência como campo do que chamamos “problematização filosófica interdisciplinar”. Trata-se de uma reflexão ética enquanto fundamento do discurso neurocientífico.

II

Balizada a opção epistemológica, começaremos por fazer referência implícita a um conjunto de aproximações e cumplicidades que, ofuscadas pelas temáticas fracturantes, nos impedem ter uma visão de conjunto.

Partimos da ideia de que não existe ética morta, despossuída do seu ser ou de esquemas formalizados e absolutamente vazios. A neuroética apresenta-se hoje como presságio de uma nova interpretação da relação da vida com a vida, e uma reconstituição radical das possibilidades de revitalizar a vida.

Este texto objectiva aprofundar, em termos filosóficos, a questão da necessidade de fundamentação das referências conceptuais da neurociência no quadro da bioética, ao mesmo tempo que se pretende um aprofundamento das articulações entre a neurociência e as dimensões sociognoseológicas na compreensão da questão da ética generalista.

O percurso escolhido tem como tópico basilar a busca do “núcleo teórico elementar da ética”, procurando evidenciar de que modo esse núcleo condiciona as atitudes formatadas de intenções eticamente interpretadas.

O núcleo teórico fundamental da Neuroética

Na abordagem inicial à problemática dos elementos teóricos da neuroética convém abordar a solidez do agir enquanto fundamento do ser humano. Neste aprofundamento já não se hiperboliza a via incorpórea mas questionam-se as possibilidades criadas pelos recursos farmacológicos e cibernéticos em todas as dimensões do humano.

Iniciemos com esta afirmação: a ética não é um apêndice da antropologia, *mas é o próprio fundamento da possibilidade de pensar o humano.*

Para definir o ser humano é necessário ter em conta o provir e viver da “multiplicidade existencial”. Com esta expressão, não nos referimos à evidente diversidade do existir, mas diversidade apreendida pelo categorial antropológico, ou seja, na experiência humana define-se a existência enquanto existir humano no que ele tem de mais singular e a-noético. Esta é a essência da *a-noeticidade da existência*. Existir, humanamente falando, é a máxima expressão da tendenciosidade do agir humano, pois é o desfecho da introspecção sobre a sua condição humana. A “implicação existencial do humano”, apresenta-se para muitos como um *defeito de fabrico* intrínseco à própria humanidade e no qual a Ética se apresenta como o resquício preternatural da condição humana. Sendo assim, será possível uma positiva distinção entre o carácter asséptico do agir, e a arquitectura axiológica que

pensa o agir humano? Esta questão é uma autêntica armadilha já na sua formulação. Apesar de ser possível observar uma distinção entre axiologia e a técnica, ela encerra um subtil maniqueísmo.

A fuga a esta tendência que tem perpassado a história do pensamento sob as mais variadas formas, radica, no nosso ponto de vista, no entendimento da ética como um tipo de relação categorizada como *alteridade*. Através deste conceito intuimos um tipo de relacionamento muito para além dos parâmetros do epistemologicamente evidente a atingível.

Como se pode construir um projecto neuroeticamente sustentável?

A dedução do anteriormente expresso, remete-nos para a teorização da relação entre a Epistemologia e axiologia. É bastante significativo que estes dois campos da reflexão, embora assintóticos, se têm vindo a aproximar, muito à custa da multidisciplinaridade da epistemologia. Esta, ao alargar o âmbito das suas áreas de interesse, tem invadindo o espaço da axiologia, já não apenas no âmbito da “moralidade” das consequências do avanço técnico, mas também no âmbito da valorização antropológica do conhecer humano.

Intuimos que a Epistemologia do século XX se alicerçou num projecto científico multifacetado e que está longe de ser apreendido em todo o seu conjunto. Efectivamente, encontramos um ambiente de ambivalência axiológica no qual se cruzam situações comprometedoras do ponto de vista da dignidade da vida com situações de avanço científico extraordinário desvelador de uma nova era da humanidade.

A vocação “progressista” do projecto científico, que pode ser percebida na forma como a ciência foi destruindo uma série de barreiras a ela externas do ponto de vista filosófico, teológico e ideológico, acabou por se transformar no mote de seu próprio desenvolvimento. Eu explico: a ciência precisa de liberdade; sem liberdade não existe. Esta afirmação é uma evidência. Paralelamente, trata-se de retórica de extrema perigosidade, como se pode observar no projecto idealista do positivismo científico. A ciência, encerrada na sua própria lógica, é um potencial extraordinário (no sentido mais radical da palavra). Só ela possibilita a fuga a uma escravatura

existencial e genética, ainda que para isso tenha necessidade de uma força epistemologicamente incontornável. A ciência, em nome de sua liberdade, tende a imolar muitos bens e muitas das dimensões entendidas como fundamentais da dignidade humana.

Existe uma questão filosoficamente essencial para o debate entre ciência e ética: elas provêm de paradigmas racionais diferenciados desde a origem. O projecto científico radica no conceito de iluminação, o invadir a realidade, descobrindo os núcleos da existência, tornando-se analítica por natureza. Este é um dos dilemas nucleares com os quais temos que conviver hoje, e que exige mobilização ímpar para a redefinição do mapa intelectual existencial.

Este novo mapeamento pressupõe a afirmação clara de que tal como o ser humano, e exactamente como “fazer” humano, a ciência nada tem de neutralidade. O mito da “alcalinização da acidez axiológica” do conhecimento científico pode ser consentâneo com muitas áreas científicas, em especial num tempo em que não há ciência sem interesses nem interesses sem carácter científico.

A valorização do carácter a-noético do projecto científico pode tornar-se no pequeno elo que possibilita a união entre ética vida humana e a ciência. A ciência moderna, pelo seu objecto microscópico, tem uma tendência para se instrumentalizar em tecnologias microscópicas abstraccionistas, não só material, mas também das consciências. Esta é a raiz da dificuldade de parentesco com a Ética. Pensar a articulação entre Ciência e Ética em termos dicotómicos é contraproducente e apenas tem como resultado o aprofundamento do fosso relacional.

Nesse sentido, o que propomos é uma “profunda emenda axiológica”. Profunda, não no sentido de uma revolução que tudo dissemina e destrói. Emenda, porque não se trata de uma criação do “nada”. O que se propõe é a construção de uma bioética alicerçada em critérios que tenham em conta:

- a) A apropriação, por parte da ciência, da reflexão ética;
- b) A consideração quase imediata do dupla vectorização do “fazer científico”.

Tendo em conta estes considerandos, o “sentido do conhecer”, sustenta-se numa ética “ancorada” do conhecimento científico, e não na lógica do desenvolvimento científico e das suas implicações tecnológicas ou tecnocráticas.

Na nova dimensão ética da neurociência não existem dois lados da barricada. “Ciência com consciência” deve significar ciência com um projecto cosmológico de cariz antropológico. Este é o propósito do Transhumanismo e ao mesmo tempo o seu problema fundamental.

O “Transhumanismo” é um projecto que envolve a historicidade do “antes”, “durante” e “depois” do sentido vital. É a possibilidade fundante e metacientífica da racionalidade científica, sem que esta perca toda a sua eficácia e o seu objectivo de progresso cosmológico.

A HIPOTESE DE TRABALHO: HOMEM COMO PROJECTO.

Quase a concluir esta visão geral lançamos mão de uma hipótese de trabalho na qual se possa conciliar a realidade mais pragmática da neurociência e perspectiva mais teórica de uma argumentação filosófica da problemática.

A neuroética, pela própria natureza de ultrapassagem contínua dos limites do neurologicamente possível, exige uma postura que está para além da sofisticação da própria neurofilosofia. Ela é em si “metaciência”, refazendo a sua própria concepção interna e repensando o que não cabe nas interpretações mais comuns da Ética. Esta é claramente uma proposta de uma categoria central para a sua compreensão e fundamentação.

Para esta nova fundamentação, a categoria filosófica do ser humano como “projecto” tem um papel relevante. “Projecto”, não no sentido de uma depreciação de uma realidade incompleta e por isso desprovida de valor intrínseco, mas como realidade aberta a todas as possibilidades do qual apenas se tem em vista a contínua superação das suas capacidades na senda de um equilíbrio homeostático dinâmico de todas as suas dimensões.

Pensar o ser humano como projecto é a possibilidade de reacção perante a tendência em estreitar os resultados globalmente almejados nas promessas de futuro “preternatural” que postura um redimensionamento da Humanidade.